

EDUCAÇÃO AMBIENTAL AUTOPOIÉTICA ENTRE MANGUEZAIS, REDES COTIDIANAS ESCOLARES E PRÁTICAS PESQUEIRAS

Soler Gonzalez – PPGE/UFES

*“Vários estudantes vêm aqui para nossa comunidade,
...fazem pesquisas sobre pescadores,
vão embora, não trazem um retorno,
não falam o que que aconteceu na pesquisas deles...”
(Desfiadeira de Siri - A)*

Os “mundos da lama” dos manguezais deram os tons desta pesquisa, resultado do Curso de Doutorado em Educação, com inspirações na pesquisa *cartográfica* com os *cotidianos*, entremeadas com narrativas, “pescadas” em redes de *conversações* tecidas nas práticas do bairro e nos cotidianos escolares. Experiências que nos implicaram politicamente no campo da Educação Ambiental (EA) e na política da narratividade e cognitiva deste trabalho.

Nossos objetivos foram de problematizar¹ e cartografar os saberes socioambientais das práticas do bairro, produzidos com os atravessamentos entre manguezais e cotidianos escolares, constituindo o que denomino, neste trabalho, por Educações Ambientais autopoieticas.

As práticas do bairro são entendidas neste trabalho como: o Morar na “Ilha”, as “Artes de Pescar” nos Manguezais, as “Artes de Cozinhar”, a produção da cal na fábrica, os pequenos roçados de subsistência e os ofícios de lavadeiras na bica do Sítio do Jacaré, configurando em EA’s autopoieticas inventadas nas geografias sentimentais e nômades dos habitantes locais.

Como as práticas de EA atravessam as práticas do bairro, os cotidianos escolares e os espaços de controle das áreas de manguezais, de uma comunidade pesqueira, movida pelo “calor cultural” do Turismo Gastronômico?

Os trabalhos de Alves (2010), Carvalho (2008), Certeau (2008, 2009), Deleuze (2010), Ferrazo (2003), Kastrup (2009) e Maturana (1999; 2002; 2006), foram inspirações para esta pesquisa, assim como a noção de cartografia de Deleuze e Guattari do livro *Pista do método da cartografia* (PASSOS, ET AL 2010). A cartografia surge como principio de rizoma, sendo múltiplas entradas em uma cartografia, mapa móvel,

¹ Revel (2005, p. 71) destaca que “o termo *problematização* implica duas consequências. De um lado, o verdadeiro exercício crítico do pensamento se opõe à ideia de uma busca metódica da “solução”: a tarefa da filosofia não é, portanto, a de resolver – inclua-se: substituir uma solução por uma outra – mas a de “problematizar”, instaurando uma postura crítica e retomando os problemas. De outro lado, esse esforço de problematização não é um anti-reformismo ou um pessimismo relativista.

redes de criações, de linhas, fluxos, encontros, conexões e experiências entre o *mundo da lama* dos manguezais, os cotidianos escolares e as práticas do bairro.

A região do estudo representa a maior área de manguezais do Estado e recebe as águas de cinco rios, abrangendo quatro municípios, que, de acordo com o Censo de 2000 do IBGE, a população desses municípios é de aproximadamente 1.283.735, correspondendo a 41,44% da população do Estado.

As áreas de manguezais da região estudada compreendem Unidades de Conservação dos cinco municípios, constituindo um “**Mosaico de Áreas Protegidas do Manguezal**”. A Lei 9985/2000, que cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) define uma Unidade de Conservação (UC) como: espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

O *mundo da lama* e das coletividades vivas e culturais de uma *comunidade-ilha* está marcado pela complexidade e as místicas da arte da vida dos que vivem com as *marés* e com os manguezais. Os nossos caminhos terrestres e moveções por águas-turvas constituem prenúncios de EA's encarnadas nas práticas do bairro e nos cotidianos escolares da região em estudo.

Os habitantes *autopoiéticos* e *sujeitos praticantes* da pesquisa são: coletividades vivas e não vivas, manguezais, canoas, redes de pesca, cozinhas, ruas, o píer, os restaurantes, as memórias, os jeitos “*ilhês*” de conversar, os catadores de caranguejos, as desfiadeiras de siri, pescadores, educadores e, os educandos, que são meninos-da-baia e seus territórios-do-brincar.

A aposta epistemológica deste trabalho consiste em abordarmos a constituição de EA's *autopoiéticas*, que são experienciadas e produzidas entre os sujeitos praticantes da pesquisa e *os mundos da lama* que atravessam as práticas do bairro e os cotidianos escolares de uma comunidade de pescadores. Tal aposta epistemológica na EA dialoga com as ideias de Maturana e com enlances da pesquisa narrativa, por meio do *conversar*, nos movimentos de *sustentabilizar* e problematizar relações e experiências entre os seres vivos e os *sujeitos praticantes* (CERTEAU, 2008) nas *margens*. Maturana (1999) sugere que “conversar” vem do latim, *cum* - com; e *versare* - dar voltas.

EA's autopoieticas² vivenciadas em processos de “autofazimentos” dos seres vivos, dos sujeitos e de mundos, produzidos desde nossos ancestrais, com modos de vida de seres amorosos, no compartilhar alimentos e cuidados, nos acoplamentos com as realidades, constituindo suas Biologias do Conhecer, suas Autopoieses.

O termo Autopoiese vem do grego: autós, próprio; poiein, poiesis, faço, fazer, o feito, é a produção de si mesmo, autofazimento - um sistema autopoietico é uma teia de processos que vão se produzindo através de transformações e interações (ASSMANN, 1998).

Os seres vivos não humanos não competem, fluem entre si e com os outros em congruência recíproca, ao conservar a sua autopoiese e sua correspondência com o meio que inclui a presença de outros, ao invés de negá-los. (MATURANA; 1999, p. 21). (...) O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência (MATURANA; 1999 p. 22).

O pensamento de Maturana evidencia a condição *biológica* no domínio do pensar e do *linguajar* como condição ontológica dos seres humanos, e, é isso que queremos *linguajar e conversar* com esta pesquisa em EA, apostando nas suas potências éticas, estéticas, políticas e ontológicas de *sustentabilizar* – enquanto verbo, ação - as relações nas redes de conversações cotidianas.

(...) Chamo de conversação nossa operação nesse fluxo entrelaçado de coordenações consensuais de linguajar e emocionar e chamo de conversações as diferentes redes de coordenações entrelaçadas e consensuais de linguajar e emocionar que geramos ao vivermos juntos como seres humanos (MATURANA, 2006, p. 132).

Nós, seres humanos, conservamos relações cooperativas no *dever evolutivo* na história dos primatas bípedes, pensando nisso, queremos com as Educações Ambientais autopoieticas, pensar e pôr à mesa, as seguintes questões: Como *sustentabilizar* relações em com-vivências amorosas pela linguagem? Quais as potências éticas, estéticas, políticas e ontológicas das EA's autopoieticas que são inventadas pelos sujeitos praticantes nas margens, e que se inventam ao inventarem seus mundos com as redes de conversações? Como as EA's autopoieticas atravessam os saberes socioambientais das práticas do bairro e os cotidianos escolares de uma comunidade de pescadores?

Movimentos metodológicos com os manguezais, as práticas do bairro e as redes de conversações.

² A aposta em pensar a EA autopoietica teve como dispositivo as conversas e produções de artigos envolvendo obras de Maturana e as suas parcerias com Varela (1995 e 1997), Verden-Zoller (2004) e Yáñez (2009), sendo que os estudos desses trabalhos inspiraram produções de pesquisas em parceria com uma Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação de uma Universidade Federal que somos vinculados.

Os movimentos metodológicos desta pesquisa dialogam com as ideias apresentadas por Deleuze e Guattari (2011) e por Kastrup (2009a, 2009b) no que se refere à pesquisa cartográfica, em movimento e com entrada pelo meio, desejando acompanhar as práticas do bairro, os cotidianos escolares e os acontecimentos ambientais de uma comunidade pesqueira.

“(…) a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o metá-hódos em hódos-méta. Essa reversão consiste numa aposta a experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude (PASSOS et al, 2010, p. 10)”.

A pesquisa cartográfica em EA é composta por experiências³, movimentos, expressões e intensidades com as práticas do bairro, os cotidianos escolares e os acontecimentos ambientais que atravessam os espaços de controle das áreas de manguezais da região.

As ferramentas do cartógrafo na produção de dados foram Diário de Campo⁴, fotografias, conversas autorizadas e transcritas com Desfiadeiras de Siris, Pescadores, Donos de restaurantes, Professores/as e Estudantes, atravessados por temporalidades, desejos, afetos e conflitos, nos exercícios de acompanhar as práticas do bairro, os cotidianos escolares e os acontecimentos ambientais locais, como por exemplo, o Turismo Gastronômico e a Semana Santa.

Apresento os acontecimentos⁵ ambientais por meio de pistas e redes de conversações com os sujeitos praticantes nas *margens* e dos saberes socioambientais, produzidos nas relações, com os manguezais, com as práticas do bairro e os cotidianos escolares. O Turismo Gastronômico e a Semana Santa estão entre os *acontecimentos ambientais* que serão aqui problematizados, e que de certa maneira mobilizam a comunidade, tornando-a midiaticamente e culturalmente reconhecida no contexto da geografia da cidade.

³ Larrosa (2004, p. 154) destaca que “experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou nos toca. (...) A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa”.

⁴ Neste texto apenas alguns lampejos dos registros de conversações serão apresentados, considerando que devido ao limite do artigo não é possível colocar todas as transcrições. As conversações foram gravadas, transcritas e problematizadas de acordo com os objetivos da pesquisa, compondo o que chamamos de “Diário de Campo”.

⁵ “Revel (2005) destaca que “a partir da definição de acontecimento como irrupção de uma singularidade histórica, Foucault vai desenvolver dois discursos. O primeiro consiste em dizer que nós repetimos sem saber os acontecimentos, e “nós os repetimos na nossa atualidade, e eu tento apreender qual é o acontecimento sob cujo signo nós nascemos, e qual é o acontecimento que continua a nos atravessar”.

Segundo Farias (2011), *acontecimentalizar* a problemática ambiental implica questionar discursos, jogos de força e estratégias vigentes na atualidade e que atravessam nossas formas de pensar e se relacionar, remetendo a uma ética entre pessoas e delas consigo próprias, em *autopoiéticas*, abarcando também aos entes não-humanos e que são comumente objetificados, como é o caso das coletividades vivas do *mundo da lama* dos manguezais.

Nos processos e percursos no campo problemático da pesquisa desejou-se cartografar e problematizar as práticas de EA e os *acontecimentos ambientais* que atravessam as áreas de manguezais, as práticas do bairro e os cotidianos escolares, cujo “calor cultural” é alimentado pelo Turismo Gastronômico numa região marcada, na *atualidade*, por espaços de controle e de vida, principalmente para os habitantes do *mundo da lama*.

O cartógrafo por terra conviveu com conversas e experiências com as práticas do bairro, pelas ruas do *bairroescola*⁶, no píer frequentado pelas crianças em período de férias escolares, nas escolas, na igreja, na peixaria comunitária, nas cozinhas das Desfiadeiras de Siris, nos conflitos e tensões ambientais, no Museu do Pescador, todo um “calor cultural” que envolvem as famílias durante a Semana Santa, que geralmente se inicia em dezembro ou janeiro, se estendendo por várias Luas.

Os laços com o manguezal e com os habitantes do *mundo da lama* no bairro são narrados nas conversas e jogos de linguagens dos “ilhês” envolvendo as práticas do bairro. O *linguajar* local cria laços sentimentais e de pertencimento, *laços-rizomas* entre habitantes, lugares, apetrechos de pesca, gerações, cozinhas, o “queimador” comunitário, o píer, o “pesqueiro”, a “coroa” e a Rua Felicidade Correa dos Santos.

Como diria Certeau (2008), a narração do mundo, paralelamente à forma dominante que assumiu a escrita da ciência, expressam conhecimentos não aprisionáveis por esse modelo dominante, colocando em diálogo e de maneira horizontal com outras formas de perceber o mundo. Portanto, que EA emerge das conversas produzidas pelos sujeitos praticantes nas margens dos manguezais?

O cartógrafo seguiu também as *marés* com os ventos-de-travessias, com canoas sem remo nem quilha, reconhecendo a etnogeografia das práticas do bairro com os

⁶ Para Alves (2010), “juntar os termos, pluralizá-los, algumas vezes invertê-los, outras duplicá-los, foi a forma que conseguimos, até o presente, para mostrar como as dicotomias necessárias na invenção da ciência moderna têm se mostrado limitantes ao que precisamos criar para pesquisar nos/dos/com os cotidianos”.

movimentos do rastreio, do toque, do pouso e do reconhecimento atento. A aposta está em traçar linhas e pôr em relevo as potências dos saberes socioambientais das práticas do bairro, desestabilizando concepções modernas, insustentáveis e transcendentais de conhecimentos e de sujeitos.

Esses *homens sem qualidades* (CERTEAU, 2008) praticantes dos cotidianos e que sobrevivem da pesca artesanal nos manguezais, de perfis indefinidos, hifenados e descentrados, com o dom imanente de criar uma vida bonita de viver, se lançam às diferentes forças inventivas de sobrevivência cultural abalando a noção de tradição em suas relações éticas, cognitivas e afetivas. E como diria Deleuze, em *Conversações* (2010, p. 109), “*não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras*”.

As “qualidades” dos *sujeitos ordinários* (CERTEAU, 2008) “sem qualidades”, das *margens*, não se deixam inibir às estratégias de controle, traçando diferentes planos de (re)existências e resistências e processos de singularização à subjetividade capitalística, fazendo da própria vida uma obra de arte, uma *Oficina do Viver*.

A partir do convívio com *os mundos da lama* percebi o quão vasto é seu território de pesca, indo além das margens dos manguezais, e percebi também, os limites e possibilidades, que hoje são impostos aos seus ofícios de trabalhadores das marés, de narradores das marés, de sujeitos praticantes nas margens e de “homens sem qualidades” (Certeau, 2008), que, por meio de estratégias e táticas, alimentam estéticas de existência nas redes de saberes, fazeres e poderes com os manguezais, consigo mesmo, e com os outros.

EA’s autopoieticas: esse é o convite que faço à EA com as práticas do bairro, considerando a produção da pesquisa como processo de intervenção e de produção de subjetividades, e, portanto, produção de saberes. “*Eles sabem muito de estudo, né, mas saber igual ao pescador, eles tem que aprender com o pescador!*” (*Pescador – A*).

Educações Ambientais autopoieticas com redes de conversações e práticas do Bairro.

Os territórios existenciais dos sujeitos praticantes nas *margens*, perpetuados a gerações, não são contemplados nas normas, criando tensões e conflitos de temporalidades, saberes, fazeres e poderes com os *usos* dos manguezais, que são

ecossistemas amparados por uma fiscalização ambiental que se mostra eficaz quando se trata das famílias dos pescadores artesanais.

A gente pegava muito siri, nessa época dava muito siri na beira da praia... era só amarrar uma isca, as iscas antigamente que a gente pescava muito era com pelanca de carne de boi. Amarrava no cordão e botava uma varelinha assim na beira da praia, e jogava e pegava com o puçá. Tinha muito siri nessa época, peixe de tudo. Mas a população vai aumentando, né, e o negócio vai sumindo...(Desfiadeira de Siri -B)

As cenas abaixo, retiradas do Diário de Campo, apresentam os territórios existenciais, as práticas do bairro e os cotidianos escolares. A intenção é de problematizarmos, com as conversas, as Educações Ambientais autopoieticas que se produzem nas práticas do bairro e nas relações com os manguezais e os cotidianos escolares. Cena-conversa: *Famílias manguezeiras*.

_ A Polícia Ambiental e o IBAMA, eles começaram a fazer uma fiscalização rigorosa aqui na nossa comunidade. (Desfiadeira de Siri - B)

_ É... tem gente sendo presa...muita gente sendo presa... (Estudante - A)

_ A gente tá estranhando e questionando isso, porque, como a gente vai falar: “agora na Ilha, de hoje em diante, não pode mais pescar”!(Pescador -B)

_ Pois é... a pesca aqui na ilha, é uma arte que vai de geração a geração, só que agora eles falam que tem uma lei de 1985, mas só que na verdade, do começo do ano pra cá que eles estão começando a executar essa lei, e que está prejudicando várias famílias aqui da Ilha e que vivem da pesca. (Desfiadeira de Siri - B)

_ Nós estamos atrás de uma solução, uma alternativa, inclusive, depois que prenderam os pescadores de Inhanguetá, que surgiu essa repressão aqui nossa, os pescadores ficaram nervosos, fizemos uma paralização de uma hora e pouco, para chamar a atenção de algum órgão público só depois conseguimos conversar com o pessoal do “meio ambiente”, e também, o pessoal do CRAS, mas, a pessoa que a gente quer mesmo conversar é com o governador. Pescador - B)

_ Ninguém nunca chegou pra dizer pra comunidade por que não pescar ou qual o local que ele poderia pescar todo mundo sempre falava que isso aqui é um berçário, pelo menos eu vivo ouvindo isso lá na escola, toda vez que tem que estudar o manguezal. (Estudante - B)

Os fios das conversas tecem os conflitos e tensões entre uma “guerra de mapas” que foi deflagrada a partir das intervenções oficiais, que inventaram uma região de Turismo Gastronômico. Nessa “guerra de mapas” sobrou para os “peixes-pequenos”: os habitantes autopoieticos e *sujeitos praticantes nas margens*. Conflitos dentro e fora das *marés* que culminaram com a prisão de dois pescadores.

O fato de serem algemados pelos pés e mãos, detonou movimentos de manifestações de moradores que “fecharam” a cidade dos infames, impedindo também o funcionamento das escolas da região. Acompanhamos uma reunião convocada pelos pescadores, desfiadeiras de siris e catadores de caranguejos juntamente com técnicos da

prefeitura. Os pescadores queriam saber os porquês, da prisão violenta, e da sumária e repentina proibição da pesca nos manguezais.

De um lado, os *peritos* e *técnicos* com seus discursos jurídicos reforçando que a região está situada em UC's, e, do outro lado, os “peixes-pequenos”, pescadores e desfiadeiras que trabalham para manterem seus filhos e, principalmente, o Turismo Gastronômico na região, afirmando desconhecem tais proibições. Alguns fios de conversas da reunião.

O pescador ele é humilde, fica no dia a dia ai, para tentar manter uma família. Nós não temos salários como vocês. Eu queria saber, sobre todo esse esgoto que é jogado nos manguezais. O que vocês têm a dizer sobre isso? Por que até agora, só o pescador está sendo prejudicado. Meu pai e minha mãe, que já faleceram há mais 30 anos, eram pescadores profissionais. Eu pesco há 37 anos, e a minha carteirinha, como a de todos irmãos aqui, ela tem escrito assim: “VALIDO EM TODO TERRITORIO NACIONAL”. Agora, estamos sendo presos e algemados! E quando fui abordado disseram para mim que no Lameirão podia pescar. Tem lei para o pescador, por que ele é “pequeno”. (Pescador C)

Paradoxos estendidos na lama...poderes e territórios habitados por *geografias-molares* em tensões com histórias, saberes ambientais, afetos e possibilidades de invenções de mundos. Outro pescador reclama...

As autoridades competentes não estão sabendo definir o que que é o “pescador artesanal”, porque eu perguntei ao rapaz do IBAMA, ele falou que o pescador artesanal é aquele que pesca de “varinha”. Onde que o pescador de varinha constrói a sua própria vara?! Ele faz o náilon? Ele faz o anzol?! Não!! Artesanal somos nós que fazemos a nossa “puçá”, fazemos o nosso “balão”, e isso é relíquia, uma tradição indígena que não pode ser parada. Outra coisa, eu estou com 55 anos, eu nasci e me criei aqui, sou filho daqui. Eu tenho 45 anos de pesca aqui nesse lugar. Por quê só agora essa lei vem rigidamente destruir os pescadores? Nessa reunião, a gente não vai sair daqui com uma solução. Só que quando eu chegar em casa, minha mulher vai falar, “-olha, eu só tenho aqui, arroz com feijão.”. E as autoridades maiores competentes..., eles não passam nem em casa, eles vão passar em restaurante. É muito fácil falar “-para de pescar!”, mas, na hora deles almoçarem, eles querem o peixe no prato deles! Chega o final de semana, o pescador, está sendo caçado como um bandido, e eles, estão comendo camarão, casquinha de siri... (Pescador D)

Os conflitos com os *técnicos* e os órgãos ambientais interferem diretamente nas práticas em EA com as escolas locais, assim como os processos de formações de educadores, as reuniões com grupos organizados de catadores de caranguejos e as campanhas e ações educativas em períodos de reproduções das espécies.

Cada município banhado pelos manguezais da região desenvolvem práticas em EA em parcerias com Secretarias, com foco na preservação dos manguezais e fiscalização da pesca e da venda de caranguejos e guaiamuns nas épocas de *defeso* e de *andada*. São exemplos de práticas de EA: o “Mangueando na Educação”, o projeto

“Mangue Vivo”, “Campanhas de Andada e Defeso do Caranguejo” e de “Gestão Sustentável da Pesca de Caranguejos e Guaiamuns” e o “Programa Maré Viva”.

As práticas em EA se apoiam no dispositivo da sustentabilidade (GUIMARÃES e SAMPAIO, 2012), que recai sobre as *minorias* que assistem os “grã-finos” comerem peixes assado e moquecas no almoço. As práticas em EA nos municípios apostam em números de participantes, indicadores, resultados, metas alcançadas, relatórios técnicos e descritivos, limpeza dos manguezais, panfletagens, reuniões com pescadores. Participação?! Ou, participar das ações nascidas em gabinetes e corredores distantes da *lama*?

Nas *Andadas e Defesos* dos Caranguejos são comuns reuniões com catadores de caranguejos, abordagens em bares e restaurantes, divulgação de materiais informativos e atividades educativas em escolas, feiras livres e outros espaços comunitários. As práticas em EA focam em slogans e clichês do tipo: “mudanças de comportamentos”, “conscientização da população”, “falta de informação dos pescadores”, “pesca predatória”, enfim, modelos, controles, formas, receitas, números de estudantes e professores, indicadores,...marketing.

Neste *trabalhoexperiência* queremos dissolver os pontos de vistas que habitam os territórios existenciais dos sujeitos praticantes *nas margens*, diante disso, apostamos nas potências de ações com as *marés*, com o desejo de trazer à tona, multiplicidades e singularidades dos saberes socioambientais produzidos nos devires cotidianos, constituindo o que denominamos por EA’s autopoieticas, preenchidas por afetos, estratégias, astúcias e táticas de enfrentamento ao coletivo de forças dos controles das áreas protegidas de manguezais.

As EA’s autopoieticas dos habitantes inventam geografias cotidianas, desenhando vidas, saberes, fazeres, sabores, poderes e desejos com os manguezais, nas redes de conversações que atravessam as práticas do bairro e os cotidianos escolares. O *Bairroescola ou Escolabairro se com-fundem*. “Uma questão importante é que eles estudam aqui, os pais deles estudaram aqui, os avós estudaram aqui provavelmente. E provavelmente os filhos deles estarão aqui”. (Educadora da escola local - A)

Nas geografias cotidianas do campo problemático da pesquisa destacamos a Rua Felicidade Corrêa dos Santos, que é um “Caldeirão Cultural” povoada pelas “Artes de Pescar” e pelas “Artes de Cozinhar”, juntamente com os manguezais e os cotidianos escolares da região. Fizemos um mergulho nesse campo problemático da pesquisa no exercício de cartografar e problematizar os saberes socioambientais produzidos com as

práticas do bairro e os manguezais, no período do verão de 2011 e 2012, marcado pela alta temporada do Turismo Gastronômico, prolongando-se até a Semana Santa, época em que crianças, jovens, adultos e idosos se envolvem integralmente nas etapas de produção e comercialização dos pratos típicos da culinária local.

Percebemos nestes mergulhos que os manguezais da região estudada são rizomáticos e caóticos em multiplicidades de forças, afetos e seres vivos do *mundo da lama*, convivendo com astúcias e táticas dos jogos de poderes dos espaços-tempos de controle da pesca que brotam nas conversas e nos “ilhês”, desenhando uma “guerra de mapas” e de geografias.

Entrar pelo *meio* no campo da pesquisa e com enlaces *objetivosubjetivos* produzido com a pesquisa. Como a sabedoria do caos das práticas cotidianas do bairro constitui os sujeitos que vivem nas suas *margens*? Como acontecem na *atualidade*⁷, as *práticas do bairro*? São questões em movimento no *vai-e-vem* turbulento e diário das *marés* e com os *acontecimentos ambientais* na Ilha-refúgio.

Nas conversas com os “ilhês”, aparece a Fábrica de Cal na geografia sentimental nômade do bairro em estudo. Uma fábrica *manguezeira*, que pintava os casarios da cidade presépio. “*A concha eu nunca tirei. A concha sempre era um pessoal mais adulto, serviço muito pesado né,... aí dentro da água, pra peneirar aquilo ali..., tirar a lama...*” (*Pescador - E*). E a notícia logo se espalhou! Levas de migrantes em busca de emprego seguem para a ilha-refúgio, conduzindo-a a outros caminhos, diferentes do período de quando a ilha era ocupada por jesuítas e índios catadores de conchas nas suas águas-turvas.

Os antigos e jovens pescadores se reúnem no píer local para conversarem causos e brincadeiras alimentadas por acontecimentos e práticas que povoam o *mundo da lama*. Conversam com versatilidade sobre as marés, a pesca, as canoas, as histórias-de-pescadores, os jogos do Fluminense, caçoam de si e dos colegas.

Nada mais adequado que falar de maneira gazeteira, carnavalesca, gaguejante e sorrateira com os “ilhês”: táticas orais entoadas carinhosamente pelos mais antigos, e, muitas vezes embalados por um “engasga-gato”! Desavenças e possíveis

⁷ Revel (2005) destaca que “*Atualidade*” e “presente” são, inicialmente, sinônimos. No entanto, uma diferença vai se acentuar cada vez mais entre o que, de uma lado, nos precede mas continua, apesar de tudo, a nos atravessar e o que, de outro lado, sobrevém, ao contrário, como uma ruptura da grade epistêmica a que pertencemos e de periodização que ela engendra. Essa irrupção do “novo”, que tanto Foucault quanto Deleuze chamam igualmente de “acontecimento”, torna-se, assim, o que caracteriza a atualidade.

constrangimentos ficam em suspensão com os “ilhês”, que evidenciam os rastros das místicas da região, da *comunidade de afetos* (CARVALHO, 2009), das histórias de pescadores, dos acontecimentos ambientais, das práticas do bairro e das vidas privadas e em comunidade. A vida como ela é, como ela foi, e, como será!

Questões que transitam por geografias de mosaicos de formas, conflitos, sentidos, afetos e tensões interconectadas, numa Ilha que já foi ilha, e que está circundada por bairros em manguezais aterrados, camadas por camadas, de lixos e entulhos, inventando uma “cidade de restos”, uma “Cidade-Sambaqui”.

A novidade veio dar nos manguezais! Em 1993 os jornais locais e a mídia apresentavam o local, como “*Lugar de toda pobreza*”, em alusão ao documentário-denúncia de mesmo nome, produzido por dois jornalistas, e que retrata o período em que a região era um “grande lixão” à céu aberto.

Lugar e tempo de toda pobreza?! Mas também de devires e micropolíticas cotidianas de resistências e de (re)existências. Lugar de sambaquis-de-restos consumidos, descartados e acumulados na contemporaneidade. Tempos chrónos, dos depósitos-sambaqui de lixos e produções de clichês sobre a região. Tempos kairós, das coletividades vivas e não vivas do mundo da lama, das marés, dos períodos de defesos, das pescarias, dos infames habitantes autopoieticos! Tempos aións, das intensidades, potencialidades, possibilidades, dificuldades...de mudanças de vida para os que comiam restos.

A primeira vez que a gente foi jogar, quando entramos no ginásio, pra abertura dos jogos, alguém jogou papel higiênico na gente, porque nós éramos do lixo, a gente sofreu isso, sentimos na pele, a gente era conhecido desse jeito, como um povo que comia lixo. (Estudante - C)

Ilha-refúgio, cercadas por conversas conectadas com as geografias sentimentais do mundo da lama atravessadas por diferentes temporalidades e geografias: a maré, a pesca e as “artes de cozinhar”, os espaços de controle; assim como por diferentes ritmos: das coletividades vivas do manguezal, da supervalorização do Turismo Gastronômico na região, da Semana Santa..., semana essa que se estende por várias Luas, e, dos períodos de reprodução dos caranguejos: *as Andadas dos caranguejos*.

Quando **anda...** aí, rapaz, vira bagunça... a fiscalização aí é muito pouca, não fiscaliza direito. Então sai muito caranguejo daí de dentro de mangue, pessoal pega...gente de tudo quanto é lugar que vem tá... de noite é carro, é lancha, é barco que fica passando aí. É uma destruição... Tão destruindo o manguezal.” (Pescador -F)

_Caranguejo tá acabando...não existe mais caranguejo, não! Esse ano não andou metade do que foi o ano passado... quando andava, andava geral...até na rua andava caranguejo. Antigamente você pegava caranguejo na andada,

na mão, hoje, você vai pegar caranguejo na andada você tem que enfiar a mão no buraco...não existe mais caranguejo aqui na baía. (Funcionário de restaurante e Estudante da região - D)

As águas-turvas da baía inventam cotidianos e EA's autopoieticas produzidas em fluxos, experiências, nos *entres*, nas *margens*! As águas que modelam corpos vibráteis criam enlaces com as vidas cotidianas com as *marés*, e com as interfaces místicas e sagradas das artes de cozinhar, morar, pescar, comercializar, pois, “o *siri tem que existir né, porque sem o siri nós não somos nada, não somos ninguém...o siri é a única pescaria que não deveria ser proibida*” (Desfiadeira de Siri -C).

Entendemos assim, EA's autopoieticas como movimentos rizomáticos na qual os seres vivos constituem o mundo e são constituídos por ele, em tensões, conflitos, negociações, numa autoprodução que acontece nas relações no compartilhar, na solidariedade e na aceitação do outro como legítimo outro junto a nós no conviver amoroso. Dessa forma, entendemos as conversas como um domínio operacional biológico e ontológico dos seres humanos constituindo cotidianamente redes de conversações na linguagem.

Pescando conversas com o Turismo Gastronômico e a Semana Santa: Quanto vale ou é por quilo?⁸

“ É difícil... tem que ficar debaixo do sol, levantando e abaixando a caixa pra tirar a lama... dá a “febre-do-sururu”... você acha que eu tenho quantos anos? Olhando pra mim parece que tenho uns 80, mas só tenho 50 anos! Desde 8 anos que eu faço isso...criei meus 11 filhos assim e não quero isso pra eles!” (Catador de Sururu na “*coroa*”, nome da região de acordo com a etnogeografia local)

Nas andanças pelas trilhas de bosques de manguezais da baía, e por entre as *margens os habitantes autopoieticos* e sujeitos praticantes nas margens, traçam micropolíticas, mergulhados na *Oficina do Viver* e modelados por *ventos-de-travessias* e canoas sem remo nem quilha! Os sujeitos praticantes nas *margens* praticam, criam e se criam, como carpinteiros de si e de seus mundos, nas singularidades das temporalidades e das geografias sentimentais cotidianas.

A pesca de sururu pode até ser sustentável, mas, e as vidas dos catadores de sururus? *É..., mas sururu é um negócio assim, muito cansativo. Você tira lá da lama, aí chega aqui tem que limpar um por um, lavar, ferver, tirar um por um, embalar. E ele é*

⁸ Filme do diretor Sérgio Bianchi. http://www.interfilmes.com/filme_15155_Quanto.Vale.Ou.E.Por.Quilo. Acessado em 14/04/2013.

um produto muito desvalorizado, as pessoas dão muito pouco valor a ele. (Estudante - E e filho de catador de sururu)

Na oficina do viver da geografia sentimental desses *habitantes autopoiéticos* e com os encontros com os pensamentos de Maturana, assumimos as dimensões ética, estética, política e ontológica das EA's autopoiéticas, considerando, nossas relações e nossas experiências, enquanto seres humanos no *linguajar*, de modo que a potência da condição ontológica das redes de conversações e do exercício do *linguajar* e do *conversar*, são potentes também para pensarmos as sustentabilidades enquanto ação, verbo, ou seja, *sustentabilizar* as relações sociais com as coletividades vivas do *mundo da lama*.

Uma cena-conversa com funcionário de restaurante e Estudante de uma escola da região. *Cena: A Semana Santa e o Turismo Gastronômico*

- Aqui na Ilha a pesca explorada mesmo é do siri, porque os restaurantes aqui, a tradição é a casquinha de siri. O sururu, assim,... ele é aceito, mas nem tanto quanto o siri..., ele dá mais trabalho do que o siri, e ele não tem tanto valor que o siri. A Semana Santa foi muito boa...graças a Deus, e tomara que no próximo ano seja melhor ainda.

— A gente, a gente começa a se preparar...em dezembro..., janeiro. Tirar sururu, descascar camarão... a gente não deixa pra cima da hora... a gente se prepara antes pra atender o pessoal. No Peixe Urbano, todo mundo vende! Aqui, na Ilha..., todos os restaurantes, agora, trabalham com o Peixe Urbano...tem restaurante que vende duzentas, trezentas...esse aqui vendeu quatrocentas e noventa e cinco moquecas.

Região turística *inventada* com a criação de áreas de preservação e com o desenvolvimento do Turismo Gastronômico. Criam-se produções discursivas com o dispositivo da sustentabilidade, e uma política eco-bio-cultural para a região. Cria-se uma espacialização, um mapa-imagem, um *geoclichê* de um lugar que está naturalmente “escondido” aos *olhos* da outra cidade, da cidade do *lado de lá*. Alerta de uma família que vive do *mundo da lama*...

Sou filha, neta e sou mãe... Autoridades, quem vai alimentar meus cinco filhos? Gente, tem pescador aqui que está indo para a maré, pra comer! Sai de manhã para chegar na hora do almoço e ter o que os filhos comerem. Se não chegar com o pescado, o que a gente vai dar para nossos filhos comerem? O que que os “grandões” vão comer aqui na Ilha, para podermos pagar nossas dívidas? Se a gente não tiver o pescado pra vender pra eles, como a gente vai sobreviver? E nós, pescadores “pequenos”?! Nós vamos viver de CRAS?!! Não dá! Cesta básica não paga dívidas! Você acha que com cinco filhos, a cesta básica dá para eu passar o mês? Eu aprendi só a pescar, na minha vida. Eu desde pequena só pesco e desfio siri, e aí?!!! Nós somos pescadores, queremos trabalhar, nós estamos sendo humilhados. Eu tinha orgulho de dizer “eu sou pescador”, agora eu tenho vergonha. (Desfiadeira de Siri - D)

A mídia local divulga o Turismo Gastronômico. É preciso continuar pescando caranguejos, peixes e siris que servirão a uma classe média ávida a degustar a culinária local. E se fossemos capazes de conversar com os siris e caranguejos ouvir o que eles sentiriam se fossem transportados e amontoados entre si, por horas e dias, para ao final serem degustados?

Educações Ambientais autopoieticas?

Esse artigo desejou cartografar e problematizar os *saberesfazeres* socioambientais das práticas do bairro e seus atravessamentos com os manguezais e os cotidianos escolares em uma comunidade pesqueira. Com as redes de conversações cotidianas com os sujeitos praticantes nas *margens do mundo da lama* foi possível habitar uma política cognitiva e de narratividade ancorada nas relações, nas experiências, nas invenções de si e de mundos, nos territórios existências, nos conflitos, desejos e afetos com os manguezais.

Com os sujeitos praticantes nas *margens* e com o campo problemático da pesquisa, e, diante das experiências com as práticas do bairro, fomos nos aproximando dos territórios existenciais e dos conflitos que negam a convivência amorosa entre as coletividades vivas e não-vivas do *mundo da lama*.

Conflitos e micropolíticas que habitam as vidas e as práticas cotidianas, desenhando *saberesfazeres* tessidos na Oficina do Viver, configurando EA's autopoieticas com as redes de conversações, que potencializam dimensões éticas, políticas, estéticas e práticas cotidianas de sustentabilidades locais.

Geografias-territórios com espaços de controle disciplinando *usos, territórios e tempos* dos manguezais e de seus *habitantes*. O Turismo Gastronômico na Ilha, na ilha-refúgio, na família, na ilha-família. Famílias sentadas nas sombras das calçadas para desfiar siris e sururus. A rua é território dos cheiros das moquecas e *berçário* do siri-desfiado e da casquinha de siri. Território de paradoxos: a proteção dos manguezais e das coletividades vivas e o desenvolvimento do Turismo Gastronômico.

Os manguezais enquanto territórios culturais revela-nos famílias de pescadores que (re)existem inventando formas de ser e estar no mundo, com as Artes de Morar, Caminhar, Pescar, Transportar, Cozinhar e, principalmente, comercializar, produzindo e criando seus mundos, e, nesses movimentos diários com as *marés*, criando EA's autopoieticas nas relações com as práticas do bairro e os cotidianos escolares.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, L. R. (Org.) **Diálogos cotidianos**. Petrópolis, RJ: DP ET Alii, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.
- ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CARVALHO, J. **Cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP et alli. 2009.
- CARVALHO, J. M. Cartografia e cotidiano escolar. In FERRAÇO, C. E; PEREZ, C. L. V; OLIVEIRA, I. B. de. (Org.) **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP ET Alli, 2008 (Coleção Vida Cotidiana e Pesquisa em Educação)
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano II– artes de morar e cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed.34. 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Volume 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- FARIAS, C. **Problemática ambiental na perspectiva do acontecimento**. In. 34 Reunião Anual da Anped, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2011, Natal, RN, CD-ROM.
- FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.
- GUIMARÃES, L.B; SAMPAIO, M,V. **O Dispositivo da Sustentabilidade: Pedagogias no contemporâneo**. In. 35º Reunião Anual da Anped, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2012, Porto de Galinhas, PE, CD-ROM.
- KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Rio de Janeiro: Editora Autêntica, 2009.
- LARROSA, J. Experiência e paixão. In: LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autentica, 2004.
- MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- _____. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- _____. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

- MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas/SP: Psy, 1995.
- _____. **De máquinas e seres vivos. Autopoiese – a organização do vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MATURANA, H. G. VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MATURANA, H. XIMENA, D. Y. **Habitar Humano em seis ensaios de biologia cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.